

## O TRABALHO DISCURSIVO DO SUJEITO ENTRE O MEMORÁVEL E A DERIVA

Freda Indursky

**RESUMEN.** Dentro del marco teórico del Análisis del Discurso, se entiende que siempre se hacen presentes procesos de repetición como parte de las prácticas discursivas del sujeto. En el presente artículo se estudian tales procesos con el objetivo de observar las repeticiones como distintos modos de decir del sujeto, lo que abre la posibilidad de introducir lo diferente en el mismo, aunque, al proceder así, también se abre la posibilidad de instaurar desvíos y derivaciones de sentido. Para observar mejor estos procesos, se toma como objeto de análisis un proverbio y sus reformulaciones.

*Palabras clave:* espacio de memoria, repetición, trazos discursivos, desvíos, derivaciones.

**ABSTRACT.** In the Discourse Analysis field, it is understood that on the basis of the discursive practices of a subject, there are always processes of resumption. This paper examines such processes, in order to observe the repetitions as different ways of saying of a subject, which hosts the possibility of introducing the different in the same. However, due to this procedure, the possibility of establishment of deviations and drifts of the meanings exists. To better observe these processes, a proverb and its reformulations are taken as analysis object.

*Keywords:* memory space, repetition, discursive traces, deviation, drifts.

**RESUMO.** No quadro teórico da Análise do Discurso, entende-se que, na base das práticas discursivas de um sujeito, sempre se fazem presentes processos de retomada. Este artigo examina tais processos, visando a observar as repetições como diferentes modos de dizer de um sujeito, o que instala a possibilidade de introduzir o diferente no mesmo, mas, a força de assim proceder, abre-se a possibilidade de instauração de desvios e de derivas dos sentidos. Para melhor observar esses processos, um provérbio e suas reformulações é tomado como objeto de análise.

*Palavras-chave:* espaço de memória, repetição, traços discursivos, desvios, deriva.

*O processo discursivo não tem, de direito, início: o discurso se conjuga sempre, sobre um discurso prévio, ao qual ele atribui papel de matéria-prima.*

Pêcheux (1990 [1975])

*A noção de memória discursiva, diz respeito à existência do enunciado no seio de práticas discursivas reguladas pelos aparelhos ideológicos.*

Courtine (1981)



*Signo y Señá*, número 24, diciembre de 2013, pp. 91-104

Facultad de Filosofía y Letras (UBA)

<http://revistas.filo.uba.ar/index.php/sys/index>

ISSN 2314-2189

**1. PRODUZINDO UM EFEITO-INÍCIO.** Para situar o propósito deste trabalho, trago um questionamento feito por Courtine que diz respeito ao que pretendo pautar aqui:

*como o trabalho de uma memória coletiva, no seio de uma FD<sup>1</sup>, permite a lembrança, a repetição, a refutação, mas também o esquecimento destes elementos de saber que são os enunciados? Enfim, sobre que modo material uma memória discursiva existe?* (Courtine 1981, 53; a tradução é minha).

Esse questionamento resume meu objetivo, pois parto do seguinte pressuposto: na base das práticas discursivas de um sujeito, pré-construídos provenientes do interdiscurso, ao serem retomados, trazem consigo um determinado espaço de memória que ecoa em seu discurso.

Metodologicamente, vou conduzir este trabalho através de uma abordagem teórico-analítica para visualizar como esse espaço de memória se materializa no discurso do sujeito, como são retomados e (re)significados no intradiscurso esses pré-construídos provenientes do interdiscurso. Por conseguinte, vou proceder por movimentos pendulares que conduzirão da teoria para a análise e, desta, de volta para a teoria, marcando, tais movimentos, o andamento dessa escrita. Para tanto, vou trazer alguns provérbios cuja análise funcionará como um observatório da trajetória dos sentidos.

**1.1. PRIMEIRO MOVIMENTO DO PÊNDULO.** Para pensar uma atividade discursiva do sujeito (tal como uma produção textual, por exemplo) é importante lembrar que um texto não é um objeto independente. Bem ao contrário. Sob as palavras e os enunciados que, entretecidos, produzem uma superfície textual, outras palavras e outros enunciados lhe subjazem. Ou seja, toda materialidade carrega em si um conjunto de traços discursivos que a conectam a já-ditos anteriores e exteriores a ela mesma. Trata-se do que

1 A noção de Formação Discursiva (FD), tomada aqui na acepção de Michel Pêcheux, fundador da Análise do Discurso (AD), é entendida pelo autor como “aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada [...] determina o que pode e deve ser dito” (Pêcheux 1988 [1975], 160). Já a ideologia “interpela os indivíduos em sujeitos [...] de seu discurso”, ou seja, “a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação do sujeito com a formação discursiva que o domina” (Pêcheux 1988 [1975], 162-163). E Pêcheux explica que “a instância ideológica existe sob a forma de formações ideológicas [...] que, ao mesmo tempo, possuem um caráter ‘regional’ e comportam posições de classe” (Pêcheux 1988 [1975], 146).

Pêcheux designou de *pré-construídos* que funcionam como elos invisíveis que a conectam à discursividade, ou seja, ao seu exterior.

Essa concepção de materialidade na qual se encontram presentes traços discursivos provenientes da exterioridade nos conduz a refletir sobre a relação existente entre *discurso* e *repetibilidade*, num primeiro momento. Para tanto, invocamos uma afirmação muito pertinente para a nossa reflexão: “há repetições que fazem discurso” (Courtine e Marandin 1981, 28). E a *repetição*, em AD, implica a *retomada* de uma *memória* que foi regularizada (Achard 1999 [1983], 11-17). São os discursos em circulação que são retomados, seja em textos, seja em enunciações, e seus sentidos, à força de serem repetidos, são regularizados. Portanto, essa retomada remete a uma *memória discursiva*, e se apresenta para o sujeito do discurso revestida da ordem do não-sabido, de um saber anônimo. Em suma, o discurso se faz *no regime de repetição*, e tal repetição se dá no interior de práticas discursivas que são de natureza social (Indursky 2011, 67-89).

Repetir, entretanto, para a Análise de Discurso, não significa necessariamente repetir palavra por palavra algum dizer. No regime de repetibilidade, à medida que retomadas vão sendo feitas, podem ocorrer desde pequenas variações sintáticas e/ou lexicais até grandes alterações da ordem do sentidos.

Para refletir sobre essa questão, vou trazer, como objeto de análise, um tipo bem específico de discurso: o provérbio<sup>2</sup>. Minha escolha recaiu sobre este tipo de materialidade, em primeiro lugar, por ser ela breve. Mas não apenas por isso. O provérbio interessa na medida em que, ao circular e ser objeto de retomadas, ele permite observar como a repetibilidade mobiliza uma memória e de que forma essa memória é retomada e materializada.

*Deus ajuda a quem cedo madruga*

**1.2. SEGUNDO MOVIMENTO DO PÊNDULO.** Os provérbios são saberes que circulam anonimamente. E poderíamos mesmo dizer que, à primeira vista, se apresentam como enunciados estruturalmente fixos cujo sentido é cristalizado e da ordem da generalidade. Além disso, o sujeito do discurso, ao

2 Não vou fazer distinção, para os propósitos deste trabalho, entre *provérbio* e *dito popular*, pois, tanto um como outro são da ordem do discurso e funcionam da mesma forma: representam um saber anônimo milenar que circula no corpo social.

mobilizar um provérbio, identifica-se com seu saber, colocando-se na *posição de sujeito* que assume aquela verdade e a atualiza em seu discurso. Por estas características, não temos ideia de quando nem onde foram formulados pela primeira vez, mas, sabidamente, encontramos, com frequência, um mesmo provérbio em várias línguas, o que nos autoriza a pensar que se trata de um saber de tipo universal, que pode surgir em diferentes culturas, e pode também ultrapassar fronteiras geográficas.

Ocorre frequentemente não encontrarmos a correspondência exata de um provérbio de uma língua para outra, sobretudo se estivermos esperando uma retomada palavra por palavra; mas, se esta não for nossa expectativa, isto é, se não estivermos focados na forma, veremos que, ao nível do sentido, sempre haverá um provérbio que retoma sentidos ditos de outro modo, garantindo, dessa forma, o regime de repetibilidade ao nível do sentido. Tomemos, pois, o provérbio “Deus ajuda a quem cedo madruga” para observar como ele ocorre em português, francês, espanhol e inglês.

“Deus ajuda a quem cedo madruga” é a forma que este provérbio toma no Brasil<sup>3</sup>. Em francês, encontrei uma formulação equivalente. É verdade que não estou me detendo na ordem das orações, o que poderia interessar a quem se fixa fortemente na forma. À luz da Análise do Discurso, área em que se inscreve este trabalho, entendo que se trata da mesma produção de sentido: “À qui se lève tôt, Dieu aide et prête la main” (‘a quem acorda cedo, Deus ajuda e estende a mão’). Também encontrei uma equivalência perfeita em espanhol: “A quien madruga, Dios lo ayuda”. Por esta razão, limito-me a registrar essas ocorrências, pois o sentido dessas formulações ressoa desde o interdiscurso, podendo materializar-se em português, em francês ou espanhol. Ou seja, trata-se de um saber que atravessa as fronteiras geográficas e linguísticas.

Registro uma outra formulação em francês. Ela se inscreve na mesma Formação Discursiva (FD) que afeta a formulação francesa anterior, produzindo um *efeito de sentido* bastante semelhante, mas, ao mesmo tempo, introduz alguma diferença: “Aide-toi que le ciel t’aidera” (‘ajuda-te que o céu te ajudará’). Trata-se de uma pequena diferença derivada do modo como o sujeito se relaciona com a ideologia religiosa. Estamos diante de um modo diferente de formular que produz um pequeno deslizamen-

3 Metodologicamente, neste trabalho, a formulação deste provérbio em Português será tomada como uma “formulação-origem” (Courtine 1981) em relação à qual os demais são trazidos e analisados.

to: não há referência ao hábito de *madrugar* nem a Deus; *céu* entra no lugar de *Deus*, numa *substituição metonímica*, processo que (Pêcheux 1988 [1975], 166) denominou de *discurso transverso*<sup>4</sup>; por outro lado, *madrugar* é substituído *metaforicamente* por *ajudar-se*. E mais: o fato de Deus não ocupar o lugar de sujeito estrutural indica que é o próprio sujeito que deve ajudar-se para que o céu venha em seu auxílio.

Esse pequeno deslizamento de sentido não produz ruptura nem com a posição-sujeito<sup>5</sup> a partir da qual o sujeito do discurso enuncia esse provérbio, nem, tampouco, com a FD Religiosa que determina o dizer desse sujeito. *O sujeito continua identificado com a mesma FD Religiosa e enuncia a partir da mesma posição-sujeito* em que foi produzida a formulação-origem.

Todas as formulações apresentadas até o presente momento produzem o mesmo *efeito de sentido*, em que pesem as variações constatadas nas análises precedentes. Em função disso, estão articuladas entre si. Trata-se, como disse Pêcheux, “de uma concepção de efeito de sentido como relação de possibilidade de substituição entre elementos (palavras, expressões, proposições) no interior de uma formação discursiva dada” (Pêcheux 1988 [1975], 164).

Mas nem sempre a retomada de um provérbio ocorre dessa forma. Outras formulações para este provérbio foram encontradas e chamaram a atenção porque, ao mesmo tempo que retomam o sentido, sobre ele trabalhando, como se matéria-prima ele fosse, dele se afastam, resultando essa retomada em diferenças fortes introduzidas em sua forma, como no provérbio seguinte: “Le monde appartient à ceux qui se lèvent tôt” (‘o mundo pertence aos que acordam cedo’). No caso deste provérbio, não há como ignorar que se trata da retomada do saber veiculado pela formulação-origem, mas, ao mesmo tempo, houve um deslizamento forte que levou ao rompimento com a FD Religiosa, que determina a formulação-origem, e à identificação com uma FD outra que podemos entender como Laica. Estamos diante, nesse caso, de uma tomada de posição do sujeito

4 *Discurso transverso* faz ressoar no discurso do sujeito, de forma parcial ou implícita, aquilo que é afirmado em outro discurso.

5 No interior de uma FD, o sujeito pode identificar-se plenamente com o domínio de saber que determina seu dizer, como ocorreu com o provérbio que foi analisado anteriormente, mas pode, também, questionar alguns de seus saberes como sucede com o provérbio que ora está sendo analisado. Pêcheux designa essa tomada de posição questionadora de contra-identificação. Esses diferentes modos de identificação desenham diferentes posições-sujeito em que a forma-sujeito se desdobra no interior de uma FD.

que ocorre a partir do processo que Pêcheux (1988 [1975], 217) designou de *desidentificação*<sup>6</sup>. A posição-sujeito assumida pelo sujeito do discurso possivelmente ainda é influenciada pela moral religiosa, que prega a dedicação ao trabalho, sem, entretanto, vincular o sucesso a ser alcançado a Deus. Ao contrário. É o próprio sujeito que deve se empenhar e, com seu esforço, conquistar o mundo. Trata-se de duas formações discursivas diversas que estabelecem entre si uma relação de aliança. Dito diferentemente: o elemento de saber determinante da FD Religiosa desaparece na FD Laica, mas nela ressoa desde o interdiscurso. É isso que possibilita a relação de aliança entre ambas.

Nessa mesma direção de sentido, e afetadas pela mesma FD, outras variações foram encontradas: “Heure du matin, heure du gain” (‘manhã, hora do ganho’) e, ainda, “L’avenir appartient à ceux qui se lèvent tôt” (‘o futuro pertence aos que se acordam cedo’). Trata-se de um conjunto de formulações diferentes na forma, mas *articuladas entre si* pela mesma relação com o sentido bem como com a *forma-sujeito*<sup>7</sup> que organiza os saberes da FD em que essas formulações estão inscritas. Elas carregam traços discursivos que *remetem a um mesmo espaço de memória* e é isso que as une entre si.

Também foi encontrada uma versão em inglês que, ao mesmo tempo que faz ressoar o sentido já registrado em português, em espanhol e em francês, apresenta uma forma muito diferente: “The early bird catches the worm” (‘o pássaro madrugador pega a minhoca’).

Como podemos ver, nessa última formulação, o sentido, de um modo geral, é o mesmo, mas o modo de dizer afasta-se não só da relação com Deus, mas, para tornar este afastamento ainda mais forte, ocorre a substituição metafórica de *homem* por *bird*. Tal substituição ocorre no âmbito de uma FD Laica, mas o modo de dizer é diferente e reflete como o sujeito se relaciona com a ideologia: aqui o pássaro é tomado como paradigma do ser madrugador e dos benefícios que obtém com esse hábito. Mas,

6 Na nota anterior, aponte que há diferentes formas de se identificar com uma FD. Por vezes, entretanto, o questionamento é tão forte que conduz o sujeito a desidentificar-se de uma FD e identificar-se com outra.

7 Pêcheux traz a noção de *forma-sujeito* de Althusser. No âmbito de uma formação discursiva, apresenta-se como o sujeito histórico que a organiza: ao ter um saber questionado, se fragmenta em diferentes posições-sujeito mas, ao mesmo tempo, funciona como filtro para o que nela não pode ser dito, assegurando, assim, a unidade imaginária do sujeito e de seu domínio de saber.

consideradas essas diferenças, ainda assim, essa formulação apresenta traços discursivos que remetem para o mesmo espaço de memória.

É a ideologia, sem dúvida, que subjaz a essas diferentes formas de dizer. É ela que,

*através do hábito e do uso, designa, ao mesmo tempo, o que é e o que deve ser, e isso, às vezes, por meio de “desvios” linguisticamente marcados entre a constatação e a norma e que funcionam como um dispositivo de “retomada do jogo” (Pêcheux 1988 [1975], 159-160; os destaques são meus).*

Ao longo das análises efetuadas, constatamos como o saber do provérbio<sup>8</sup> que tomamos como “formulação-origem” circulou, deixando claros os “desvios” linguísticos entre *o que deve ser*, vale dizer a formulação-origem do provérbio, e *o que é*, isto é, a configuração assumida pelo provérbio, em sua circulação. Ao mesmo tempo, também foi possível ver de que forma esse saber foi sendo retomado e como sua repetição foi se tornando mais ou menos fiel. Observamos como esse uso passou por “desvios” que apontam, de fato, para o grau de “desvio” em relação à ideologia que determina o corpo social. Entretanto, mesmo quando “desvios” foram constatados, em nenhum momento o espaço de memória se apagou.

*Quem cedo madruga fica com sono o dia inteiro*

**1.3. TERCEIRO MOVIMENTO DO PÊNDULO.** Em suma, aqueles que se identificam com uma FD Religiosa determinada, repetem o provérbio sem questionamentos. Eles se identificam plenamente com o referido saber, reduplicando-o em seu discurso, através da retomada que dele fazem. Vale, nesse passo, retomar Paul Henry. Ele se questiona sobre o modo como o sujeito se submete livremente às ordens do Sujeito:

*O que precisa ser compreendido é como os agentes desse sistema reconhecem eles próprios seu lugar sem terem recebido formalmente uma ordem, ou mesmo sem ‘saber’ que têm um lugar definido no sistema de produção (Henry 1990, 26).*

Por outro lado, a repetição, por vezes, pode levar a deslizamentos que produzem re-significação do sentido que está sendo retomado. Quando isto sucede, o sujeito do discurso pode *contra-identificar-se*, mudando de posição-sujeito, mas isso sucede no próprio interior da FD que determina

8 Grésillon e Maingueneau (1984) trabalharam com o discurso proverbial, à luz do quadro teórico da Enunciação, e formularam para tanto, as noções de *captação* e *subversão*.

o sujeito. Na operação de *contra-identificação*, o sujeito exerce uma certa resistência ao saber da posição-sujeito dominante, mas continua identificado com a forma-sujeito e, por seu viés, com o mesmo domínio de saber. Essas diferentes possibilidades apontam modos diversos de se relacionar com a ideologia e indicam a posição em que o sujeito que enuncia o provérbio se inscreve.

Mas estas formas de repetibilidade não esgotam o modo como o trabalho sobre a forma-sujeito pode se efetuar, pois há repetições que conduzem o sujeito do discurso a desidentificar-se do discurso religioso e a consequência dessa desidentificação pode ser tão forte ao ponto de fazer o sentido entrar em *deriva* (Pêcheux 1990 [1983], 53) e tornar-se outro, como ocorre com o provérbio: “Quem cedo madruga fica com sono o dia inteiro”.

Muito pode ser dito a partir destes deslizamentos de sentido. Iniciemos lembrando Pêcheux: “um enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, de deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro” (Pêcheux 1990 [1983], 53).

Dessa forma, não se trata mais de buscar o efeito de sentido em uma matriz de sentido inscrita no interior de uma FD Religiosa, nem de ver como este sentido se transforma ao passar de uma FD Religiosa para uma FD Laica, mas que mantém aliança com a FD Religiosa, como ocorreu na análise realizada anteriormente, em que a migração de uma FD para outra não foi da ordem do antagonismo.

Já no provérbio “Quem cedo madruga fica com sono o dia inteiro”, percebe-se que o sentido do provérbio, em função do trabalho do sentido sobre o sentido, atravessou as fronteiras da FD em que se encontrava e migrou para outra FD, inscrevendo-se em outra matriz de sentido, passando a relacionar-se de *forma antagônica* com a formulação-origem de que provém bem como com a FD que a determina. Nesse caso, também ocorreu *resistência*, mas a resistência agora dirige-se às próprias *relações de reprodução* em relação às quais estabelece um recuo crítico. Dito de outro modo, trata-se de resistir não só à moral religiosa, como vimos anteriormente, mas à *própria exploração-dominação do capital*.

Talvez haja quem possa pensar que este desvio é apenas uma forma bem humorada de produzir a repetição. E, de fato, o humor aí se instala. Entretanto, não podemos esquecer que o humor, nesse caso, funciona discursivamente como uma forma de resistência. Faz-se resistência, nos diz Pêcheux, ao “não entender ou entender errado; não ‘escutar’ as ordens;



não repetir as litanias ou repeti-las de modo errôneo [...]; mudar, desviar, alterar o sentido das palavras e das frases [...]” (Pêcheux 1990 [1982], 17).

E é isso que ocorre em “Quem cedo madruga fica com sono o dia inteiro”. Na reescritura do provérbio, tomado como formulação-origem, o sujeito do discurso não escutou as ordens do Sujeito, isto é, não se assujeitou à FD Religiosa que trabalha no homem, desde muito cedo, o cumprimento à disciplina e ao trabalho. A *resistência* se manifesta, na nova formulação, pela não-repetição exata da litania que, no presente caso, é representada pelo provérbio, tal como ele é conhecido em sua formulação-origem e inscrita na memória do corpo social. A resistência se faz ao repetir de “modo errado”, produzindo um “desvio” daquele sentido que “todo mundo sabe”, produzindo, como consequência, uma nova identificação ideológica que é antagônica àquela expressa pela formulação-origem.

Essa forma de “desvio” vai produzir, como efeito de sentido, um estranhamento absurdamente familiar, decorrente da associação de parte da formulação-origem: “quem cedo madruga” —que funciona como um pré-construído, portador de traços discursivos de memória, com a parte nova da reescritura— “fica com sono o dia inteiro”. É da associação do sentido conhecido de todos com o sentido estranho, proveniente de outra FD, que se instaura a resistência, que se manifesta pelo riso. Riso decorrente do contraste que se estabelece entre o *discurso sério*, condizente com a moral religiosa, e o “desvio” que dela foi feito. O riso, pois, é uma forma que a resistência assume para afastar-se dos sentidos cristalizados pelo regime de repetição da formulação-origem. Ou seja: o humor entra como uma forma de dizer e de relacionar-se com a ideologia e, dessa forma, de exercer resistência, interrompendo a reprodução dos sentidos. Uma tal transformação provoca, sem dúvida alguma, perturbação no espaço de memória que liga esta nova formulação à formulação-origem.

**1.4. QUARTO MOVIMENTO DO PÊNULO.** Como podemos ver, a partir da análise do último provérbio, estamos distantes, agora, de pensar que o provérbio seja um saber cristalizado e imutável. Até mesmo o discurso proverbial pode sofrer transformações e seu sentido vir a ser outro, bem diverso do sentido da formulação-origem e suas variações, pois, como nos lembra Pêcheux:

*o interdiscurso, torna-se [...] seu princípio de funcionamento: é porque os elementos da sequência textual, funcionando em uma formação discursiva dada, podem ser importados (meta-forçados) de uma sequência pertencente a uma outra formação discursiva que as referências discursivas podem se construir e se deslocar historicamente* (Pêcheux 2011 [1984], 158).

A consequência é que esse saber, ao migrar, passa a relacionar-se com os demais saberes da outra FD, estabelecendo relações bem diferentes com a ideologia e, em função disso, se re-significam. Nesse ponto, interessa-me melhor examinar como ocorre o entrelaçamento entre *repetição, memória e movimentação* dos sentidos. Para tanto, convém lembrarmos que Pêcheux (1988 [1975], 162) propôs “chamar interdiscurso a esse ‘todo complexo com dominante’ das formações discursivas”. E, mais adiante, acrescenta que “os elementos discursivos constituídos pelo interdiscurso enquanto pré-construídos fornecem a matéria-prima na qual o sujeito se constitui como ‘sujeito falante’, com a formação discursiva que o assujeita” (Pêcheux 1988 [1975], 167).

Se, por um lado, o pré-construído é elemento constitutivo do interdiscurso que, por sua vez, é constituído por todas as FD, isso significa que, no interdiscurso o pré-construído, não apresenta um, mas todos os sentidos que já lhe foram atribuídos. Então, para que o pré-construído seja dotado de “um” sentido (e não de todos), ele deve passar pelo filtro de uma FD. Só então ele vai tomar um sentido e os demais serão “esquecidos”.

Voltemos, mais uma vez, aos provérbios analisados. Para que “quem cedo madruga” assuma o sentido da FD Religiosa, é necessário que esse pré-construído saia do interdiscurso, onde todos os sentidos são possíveis, e passe pelo filtro de uma FD religiosa. É aí que o sentido de “quem cedo madruga”, ao ser associado ao pré-construído “Deus ajuda”, vai apontar para o sentido de que a ajuda de Deus é a recompensa aos esforços do sujeito que tem fé, que acredita em Deus e se empenha, acordando cedinho. Isso indica que o sentido não é um *a priori*, que já vem junto com uma palavra ou uma expressão. Ao contrário. Ele é resultante das relações que se estabelecem no interior de uma FD e, através dela, com a Formação Ideológica<sup>9</sup> que a determina.

Vejamos o que ocorreu com o novo provérbio que surgiu da deriva dos sentidos. O sentido do pré-construído “quem cedo madruga”, na passa-

9 Como já explicitado na nota 1, para Pêcheux, “a instância ideológica existe sob a forma de formações ideológicas” (Pêcheux 1988 [1975], 146).

gem do interdiscurso para uma FD antagônica à FD Religiosa, re-significa-se e, por essa razão, não pode mais estar associado a “Deus ajuda”. No interior dessa outra FD, “quem cedo madruga” passa a ser relacionado a “fica com sono o dia inteiro”.

Eis como o pré-construído “quem cedo madruga”, proveniente do interdiscurso, é apropriado e associado pelas respectivas formas-sujeito aos demais saberes dessas duas FD, daí resultando o trabalho de incorporação/dissimulação do interdiscurso no âmbito das FD. E é o trabalho de incorporação de “quem cedo madruga” a essas duas FD que vai dar origem a sentidos tão diversos como antagônicos que esses dois provérbios produzem: “Deus ajuda a quem cedo madruga” e “Quem cedo madruga fica com sono o dia inteiro”.

Ou seja: a reescritura desse provérbio permite perceber que o pré-construído, representado pela formulação-origem, ressoa de forma transversa no discurso do sujeito. Em outras palavras: o provérbio original não é retomado/repetido tal e qual. Ao ser retomado, ele sofre uma deriva que produz sua re-significação. Em função disso, o sentido da formulação-origem apenas faz “eco” na nova formulação. Ele aí ressoa, mesmo que esteja ausente porque, embora seu sentido seja antagônico ao da formulação-origem, ele carrega consigo traços discursivos que fazem ressoar na nova formulação o espaço de memória a que está indelevelmente associado.

**2. PARA (NÃO) CONCLUIR.** É dessa forma que a memória discursiva trabalha a *lembrança* e a *repetição*, a que se refere Courtine, na indagação que tomei como mote para dar início a este trabalho, mas, também, trabalha sentidos em deriva, pois, mesmo quando fortemente re-significados, evocam o espaço de memória de sua proveniência. Derivar é romper com uma filiação, mas isso não implica esquecimento nem apagamento, pois os sentidos com os quais houve desidentificação continuam a ressoar desde o interdiscurso juntamente com os novos sentidos.

Neste ponto, retorno, uma vez mais, aos provérbios analisados. Como pudemos ver, o primeiro provérbio, tomado aqui como formulação-origem, inscreve-se em uma FD Religiosa. Já sua reescritura é determinada por uma outra FD que não pressupõe Deus. Tal fato indica que ocorreu uma re-significação, mas isso *não* permite afirmar que a memória da primeira formulação foi apagada frente ao surgimento de um novo sentido. Entendo que a memória funciona como pano de fundo para a *interpretação* dessa nova formulação e seus efeitos de sentido, tal como vimos pelas

análises. Sem a memória social fazendo ressoar aí a moral religiosa vigente, a reescrita deste provérbio talvez não fosse interpretada como uma retomada da primeira formulação. É a memória discursiva que trabalha essa deriva e faz o sentido primeiro reverberar no novo sentido. Só assim, o efeito de humor é percebido e, juntamente com ele, a resistência à moral religiosa e à reprodução de sentidos alienantes para a classe social dos trabalhadores.

Nesse descompasso entre o dizer cristalizado pelas práticas discursivas, que fazem ecoar um sentido que circula na memória social, e sua re-significação pelo sujeito do discurso, que, ao se apropriar desse provérbio, o faz seja pelo caminho da contra-identificação, seja pela desidentificação com o discurso religioso, dá-se a re-ignificação do provérbio. Em consequência disso, os sentidos deslizam do discurso religioso para um discurso que critica/questiona a formulação-origem. Entretanto, para que esta re-significação ou esta crítica possa ser interpretada, o espaço de memória do provérbio precisa ecoar juntamente com os novos sentidos, funcionando o sentido primeiro como uma presença-ausente. É a memória discursiva que aí ressoa transversalmente. Ou seja: não dá para interpretar essa atualidade (“Quem cedo madruga fica com sono o dia inteiro”) sem mobilizar a memória (‘Deus ajuda a quem cedo madruga’).

Cabe ainda uma observação: retomando, uma vez mais esses provérbios, podemos dizer que o provérbio que re-significou a formulação-origem inscreve-se numa ordem de repetibilidade diversa daquela que remete para o discurso religioso. Ou seja: ele vem perturbar a memória social que está cristalizada e que é da ordem do todo o mundo sabe. E faz-se necessário que esta memória se reorganize para poder acomodar este novo sentido que também passa a se inscrever no interdiscurso, podendo, pois, circular em práticas discursivas.

E, *pra não dizer que não falei de flores*<sup>10</sup>, encaminho a conclusão, citando alguns versos da canção *Até quando?*, do rapper e compositor Gabriel o Pensador. Diria que esses versos fazem eco, às avessas, à citação de Paul Henry feita mais acima (logo no início da seção 1.3). Percebe-se neles que esse novo efeito de sentido está circulando e fazendo *resistência*:

10 Título de uma canção de Geraldo Vandré. Ficou em segundo lugar no Festival Internacional da Canção, em 1968. Teve sua execução proibida durante anos, pela ditadura militar brasileira, tornando-se uma espécie de hino de resistência à ditadura.

*Não adianta olhar pro céu  
com muita fé e pouca luta  
[...]*

*Acordo, não tenho trabalho, procuro trabalho, quero trabalhar  
O cara me pede o diploma, não tenho diploma, não pude estudar  
E querem que eu seja educado, que eu ande arrumado, que eu saiba falar  
Aquilo que o mundo me pede não é o que o mundo me dá  
Consigno emprego, começo o emprego, me mato de tanto ralar  
Acordo bem cedo, não tenho sossego nem tenho tempo pra raciocinar  
Não peço arrego, mas onde que eu chego se fico no mesmo lugar?*

E, com estes versos, produzo um efeito-fecho, suspendendo a reflexão, pois, aqui, de direito, iniciaria outro movimento do pêndulo que nos conduziria de volta às análises.

#### BIBLIOGRAFIA

- Achard, Pierre. 1999 [1983]. "Memória e produção do sentido". En *Papel da memória*, editado por Pierre Achard, Jean Davallon, Jean-Louis Durand, Michel Pêcheux e Eni Orlandi, 11-17. Campinas: Pontes.
- Courtine, Jean-Jacques. 1981. "Analyse du discours politique". *Langages* 62: 9-128.
- Courtine, Jean-Jacques e Jean-Marie Marandin. 1981. "Quel objet pour l'analyse du discours?" En *Matérialités discursives*, editado por Bernard Conein, Jean-Jacques Courtine, Jean-Marie Marandin, Michel Pêcheux, 21-33. Lille: Presses Universitaires de Lille.
- Grésillon, Almuth e Dominique Maingueneau. 1984. "Polyphonie, proverbe et détournement, ou un proverbe peut en cacher un autre". *Langages* 73: 112-125.
- Henry, Paul. 1990. "Os fundamentos teóricos da 'análise automática do discurso' de Michel Pêcheux (1969)". En *Por uma análise automática do discurso: Uma introdução à obra de Michel Pêcheux*, editado por Françoise Gadet e Tony Hak, 13-38. Campinas: Editora da Unicamp.
- Indursky, Freda. 2011. "A memória na cena do discurso". En *Memória e história na/da análise do discurso*, editado por Freda Indursky, Solange Mittmann e Maria Cristina Leandro Ferreira, 67-89. Campinas: Mercado de Letras.
- Pêcheux, Michel. 1988 [1975]. *Semântica e discurso*. Campinas: Editora da Unicamp.
- . 1990 [1982]. "Delimitações, inversões, deslocamentos". *Cadernos de Estudos Linguísticos* 19: 7-24.
- . 1990 [1983]. *Discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes.
- . 2011 [1984]. "Metáfora e interdiscurso". En *Análise de discurso: Michel Pêcheux*, editado por Eni Puccinelli Orlandi, 151-161. Campinas: Pontes.
- Pêcheux, Michel e Cathérine Fuchs. 1990 [1975]. "A propósito da análise automática do discurso: atualizações e perspectivas". En *Por uma análise automática do discurso: Uma introdução à obra de Michel Pêcheux*, editado por Françoise Gadet e Tony Hak, 163-252. Campinas: Editora da Unicamp.

**Freda Indursky**

Universidad Federal de Rio Grande do Sul

[freda.indursky@gmail.com](mailto:freda.indursky@gmail.com)

Trabajo recibido el 9 de septiembre de 2013 y aprobado 5 de noviembre de 2013.